



Taxa Paga
Portugal
Contrato 536425

Correio
Editorial

Autorizado a circular
em invólucro fechado
de plástico ou papel.
Pode abrir-se para
verificação postal.

Autorização DE0032207CE



Gaiato

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

9 de Outubro de 2021 • Ano LXXVIII • N.º 2024
Quinzenário • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

Família

À entrada no nosso refeitório, para o pequeno-almoço, um dos nossos médios calçou, involuntariamente, no calcanhar, a sapatilha de um dos mais pequenos que caminhava à sua frente.

O pequeno, pensando tratar-se de um acto propositado, chegou-se ao mais velho e deu-lhe um “chega para lá”. O outro fitou-o, olhando-o com ternura estendeu e ofereceu-lhe a palma da mão. O pequeno, olhando-o nos olhos, estendeu também a sua, trocando ambos uma palmada e, de seguida, como eles costumam fazer, foi um toque de punhos, aquele gesto que, graças à pandemia, se tornou num gesto que se generalizou.

De uma pisadela inadvertida, de que poderiam surgir maus sentimentos, zangas e protestos (é que os pequenos hoje em dia não se ficam), nasceu um perfume de paz, que eu particularmente saboreei, de que o mais velho foi o protagonista.

É certo que nem sempre os nossos rapazes constroem a paz entre si, no entanto é muito raro isso acontecer. E mesmo quando acontece, rapidamente o ultrapassam.

Há um espírito de união e de fraternidade entre eles que não se vê nem se sabe de onde vem. Mas como se poderia ver e saber? Quando muito, só relacionando os factos para tirar conclusões.

Eu não tenho tempo nem disposição para isso. Atribuo-o ao espírito que congrega e une as pessoas — o espírito de família.

Não é em família natural que eles vivem, obviamente. Mas não deixa, no entanto, de ser em espírito familiar que se vive na Casa do Gaiato.

Esta é, aliás, uma pedra de toque da nossa forma de viver. Sem experiência de vida familiar não temos vidas equilibradas. Então, tudo o que contribua para dar sabor de família à nossa vida, é bem-vindo. Mas, pelo contrário, tudo o que se lhe opo-



Alguns «Batatinhas»
da Casa do Gaiato
de Malanje

nhá, não o queremos. Este espírito e esta forma de viver não agrada a todos...

Pois se logo ao começar o dia, o pequeno-almoço é feito e servido por eles; se muitas vezes o almoço também; se o jantar vem pelo mesmo caminho, e o pôr e levantar das mesas é trabalho das suas mãos; se a loiça é sempre posta, lavada e reposta por eles, como não viver em espírito familiar? De facto, a construção da família começa à mesa.

Nem sempre gozo alegrias no nosso quotidiano. Mas esse dia, começou em grande. Foram gestos que só eu gozei. Para eles, é cimento quotidiano que os une.

Padre Júlio

MALANJE

OS últimos três «Batatinhas» que entraram em nossa família, são o Dadilshon, o Manilshon e o Mário. Depois de um ano, vão entrar na casa-Mãe; primeiro foi reformar os quartos e a distribuição, assim como os quartos de banho com seus chuveiros; segundo, fabricar móveis em nossa carpintaria como camas, mesas, cadeiras, estantes... e depois o quarto dos chefes que cuidarão deles; em terceiro lugar a inauguração. Ainda há algumas camas livres, que certamente ocuparemos ao longo deste ano. Tudo neles é felicidade, só Jesus sabe de onde vêm, ninguém quer voltar para de onde saiu... O mais pequeno de todos diz que aqui está bem, porque toma café da manhã, almoça e janta... e é verdade, pois a maioria das famílias faz uma refeição por dia à noite... o resto do dia cada um sabe.

O mês de Setembro já passou sem cair um pouco de chuva... Muitos agricultores olham para o céu, desde aquela primeira chuva de Agosto que anunciava o fim do tempo seco. Nós dedi-

cámos-nos a preparar a terra para semear milho, pois sabemos que quando chega o mês de Outubro centenas de famílias virão pedir um pouco de terra, para plantar mandioca. A vida é muito complicada por tudo o que rodeia este país, esperemos que o Senhor, por meio da mãe terra, dê alívio a este povo, que sofre em silêncio.

Aguardamos o Padre Alfredo, neste mês de Outubro, para que o Padre Rafael possa ir a Portugal tratar seus problemas de saúde e, depois, vá à Espanha para visitar a família. Durante este mês, a nossa Casa de Malanje terá oportunidade de conhecer e partilhar um pouco da sua vida com o Padre Alfredo...

Malanje se prepara para conhecer esta semana o novo Arcebispo de nossa Arquidiocese. Durante todos estes meses, desde a morte de Dom Benedicto, o padre Adão tem sido o administrador apostólico. Sempre próximo, simples e carinhoso, agradecemos, desde o Jornal, por todo o seu apoio durante este ano de serviço pastoral.

Padre Rafael

BENGUELA – VINDE VER!

Construção

A hora de escrever para o nosso Jornal, é uma hora sagrada, é sempre um momento sublime que eleva até às alturas, embora com os pés bem assentes na terra, para falar aos homens e mulheres do nosso tempo as maravilhosas Bênçãos que Deus na sua grandiosa bondade tem vindo a derramar na vida diária desta grande família que é a Obra da Rua, em cada uma das Casas do Gaiato, em cada um dos seus filhos, em cada um dos seus benfeitores e amigos. É uma grande responsabilidade. Aqui nestas duas faces do nosso Jornal, as letras carregam expressões vivas que descrevem a vida real de pessoas concretas, com nomes próprios, com uma história de vida única.

A expressão *construção* leva a compreender que existe uma obra de arte a ser edificada, meios apropriados para a edificação do edifício, um espaço adequado para tal fim e um artífice, cuja sabedoria é devedora da perfeita sabedoria que vem do alto dos Céus, das mãos do mais alto Arquitecto das maravilhosas obras da criação do universo — Deus.

Em nossa Casa as obras são permanentes. As de manutenção são mesmo diárias e outras são de raiz. O “njango” novo. Um lugar de grande respeito pelo seu peso histórico e cultural. Nas aldeias funcionava como funciona hoje os tribunais modernos. Os mais velhos dedicavam-se na resolução dos conflitos que surgiam no seio da comunidade e restabeleciam a ordem para a boa convivência entre todos. O nosso pequeno “areópago” cultural, foi edificado no meio da parte baixa no lugar onde os vizinhos depositavam o lixo. Hoje zona de grande cultivo. O forno a lenha, a nova vacaria ainda em andamento, a reabilitação da casa 2 de baixo, a ampliação do aquário do lado da cozinha. São muitas obras e poucos recursos

Continua na página 4

SINAIS

ESTANDO de férias o P.º Baptista, passei algum tempo no Calvário. Fiquei na secção dos rapazes que, nessa altura, eram muitos.

Era Senhora Mãe a D. Margarida — já falecida. Grande Senhora — verdadeira Mãe. Quanto aprendi com ela!

Carinhosa com os rapazes — sem ferir a disciplina e a ordem em todas as coisas. O atendimento carinhoso a todos sem esquecer os deveres de cada um. Com esta Mãe, aprendi a ser carinhoso com todos. O Senhor já te premiou! Foste uma grande Mãe! Pede ao Senhor que nos mostre o caminho certo para o nosso Calvário.

Depois do Calvário, P.º Carlos mandou-me para Miranda do Corvo para ajudar o nosso P.º Horácio. Foi tão bom. E grande sorte! Encontrei outra Mãe, no Lar de Coimbra, para os nossos estudantes — a D. Maria da Luz. Que o Senhor já levou.

Verdadeira Mãe dos nossos estudantes. Alguns já formados, testemunham como foi bom tê-la por Mãe.

O carinho, o cuidado em tudo e todos os momentos! Quase todos os dias falávamos. E eu enchia o meu coração com a sua dedicação e atenção contínuas para os nossos estudantes.

Vindo de África fui à sua campa... Comovido, falei: obrigado pelo teu exemplo maravilhoso de amor e carinho, sempre pronto para com todos. Descansa em Jesus.

Padre Telmo

Pelas CASAS DO GAIATO

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Estamos num período muito complicado, em que temos de parar um pouco, pensar bem o caminho que queremos seguir, se estamos a tomar as decisões certas.

Este vírus invisível obrigou-nos a mudar o nosso modo de viver, de tal maneira, que tivemos de abdicar da nossa liberdade de viver, privados de circular à vontade e andarmos de cara tapada, mas o pior de tudo foram os amigos e familiares que se perderam e outros que vivem com as sequelas provocadas pelo mesmo.

Ainda hoje, mesmo com as vacinas, sentimos que não estamos ainda livres do mesmo, apesar de haver menos casos, não devemos facilitar, porque os especialistas alertam que devemos continuar a proteger-nos.

Temos de nos preocupar e estar atentos, com as pessoas que vivem ao nosso lado, porque muitas famílias, estão a passar muitas dificuldades.

O nosso Governo diz estar atento, mas as Câmaras, Juntas de Freguesia, Associações e outras Instituições que prestam apoio Social, que estão mais próximos dos habitantes da sua área, devem denunciar estas situações para que as ajudas cheguem a todos os que mais precisam.

Nestas Campanhas autárquicas que aconteceram este mês de Setembro, todos prometeram que o Povo era a sua preocupação, mas quando são eleitos, cumprem uma parte mas os mais pobres, continuam a ser mais pobres, são esquecidos, continuam a viver em casebres sem qualquer dignidade.

As rendas que os senhorios cobram são exorbitantes, devia haver mais fiscalização, porque o espaço que arrendam por vezes não têm as condições mínimas, para o valor que cobram.

As Câmaras deviam construir mais habitações sociais, para retirar as pessoas dos barracos que se vêem por este País fora, parece estarmos a viver no terceiro Mundo.

Já que foi o voto do Povo que os colocou no lugar que ocupam neste momento, cumpram o que prometeram, que criem condições e pôr os responsáveis a trabalhar e con-



Vieram dos campos da Casa do Gaiato de Benguela

trolarem caso a caso, dando prioridade aos que carecem de mais atenção.

Esperamos que a BAZUCA que vem para Portugal, seja bem distribuída, que não fique nas mãos dos Tubarões deste País, e mais tarde começam a ser denunciados por corrupção, em que os processos se arrastam anos e anos e o Povo trabalhador é que paga com os seus Impostos, as dívidas contraídas.

Esperamos que a Segurança Social, e as assistentes sociais cumpram as suas funções, para facilitar a vida daqueles que lhes pedem ajuda, porque a vida para eles já é complicada, mas se começam com muita burocracia, eles desistem, porque estão fartos de mendigar. Existem exceções claro, há alguns cidadãos que vivem de subsídios e são viciados e não querem trabalhar, há que ir para o terreno e constatar as situações.

Quem presta trabalho voluntário, como nós Vicentinos, aperce-

bermo-nos de muitas situações de aproveitamento, mas estamos atentos e aqueles que estão connosco à muitos anos, já sabem como funcionamos, daí termos uma relação de respeito mútuo.

Agradecemos a todos os nossos benfeitores que fazem as transferências para o nosso NIB. No entanto o Banco deixou de nos enviar os comprovativos, não podemos aqui referir os nomes.

Queremos em nome dos nossos pobres, agradecer a vossa ajuda e continuamos a contar com a vossa partilha.

Vamos pedir ao Senhor e ao nosso querido Pai Américo que nos ajude e a todos vós, nesta nossa caminhada.

O nosso NIB: 0010 0000 4417 8020 0015 8. **O nosso endereço:** Conferência S. Francisco de Assis — Rua D. João IV, 682 — 4200-299 Porto.

Casal Félix

PAÇO DE SOUSA

BOLETIM AMA — Vai juntamente com esta edição d'O GAIATO o n.º 32 do Boletim AMA. Nele são publicadas as graças recebidas por pessoas que pedem a intercessão do Venerável Padre Américo junto de Deus. Traz também um texto de Pai Américo e um outro do falecido bispo do Porto D. António Francisco.

PARQUE DE LAZER — O sr. Padre Manuel Mendes ofereceu-nos dois casais de rolas, brancas e castanhas. Elas são muito novinhas e, por serem muito pequenas, aconteceu que escaparam da gaiola. Só ficou lá uma, que embora também tenha saído, acabou por regressar. Como não come milho em grão, damos-lhe o milho partido. Os outros animais, patos e pombas, são os restantes habitantes deste local, enquanto outros estão no nosso pomar.

ESTUDO — Os nossos rapazes fazem o seu estudo depois do jantar na nossa biblioteca. Os responsáveis são o Alziro e o Nico. Estes nossos estudantes podem encontrar ali muitos livros que podem interessar ao seu estudo. Esperamos que aproveitem e façam um bom ano lectivo.

CASTANHAS — Os castanheiros da nossa mata estão carregadinhos de castanhas. O Fernando Machado tem apanhado muitas castanhas, que nós temos comido às nossas sobremesas. São boas e saborosas, assadas pelos nossos cozinheiros no forno. Quando lá vou também ajudo a apanhá-las.

POMAR — Os nossos diospiroeiros este ano estão carregadíssimos. Começamos já pelos dióspiros-maçã que são os preferidos dos nossos rapazes. Eles é que os vão colher para as nossas sobremesas, ficando guardados no nosso fruteiro. As laranjeiras também estão muito carregadas, e mais tarde esperamos ter boa colheita de laranjas.

Fausto Casimiro

MIRANDA DO CORVO

AGROPECUÁRIA — Na nossa horta têm-se apanhado couves, tomates e pimentos; e no pomar temos figos, pêras e dióspiros. Das nogueiras, em frente às oficinas, têm caído nozes, que gostamos. Foram fresados dois terrenos em socos, a sul, onde temos oliveiras novas, que têm muitas azeitonas. Foi descarolado o milho-grão que estava armazenado no celeiro do barraco; e depois foi colocado em arcas. Para a alimentação do gado, o milho vai sendo moído aos poucos. Começou a colheita das espigas dos nossos campos de milho, próximos da rotunda. Nos nossos olivais, as oliveiras mostram bem os seus frutos para a campanha que se avizinha. No *jardim de Pai Américo*, de frente para a rotunda, foi cortada a relva. No nosso rebanho, nasceu um cordeirinho, que está lindo; mas outro não vingou. Da nossa passareira foram dois casais de rolas para Paço de Sousa. Seguiu mais outro camião de fardos de palha para Setúbal, onde é necessária. Agradecemos as ameixas e as uvas-de-mesa do quintalinho de Padre muito amigo: — *São pró Gaiato!*

ARRANJOS — Quando se verificam algumas avarias em várias partes da nossa Casa, vão sendo arranjadas conforme a urgência e é possível. No nosso barraco (da lenha, palha e alfaias), para servir também de garagem, irá ser colocado um portão eléctrico, daí que foram levantados paredes de tijolo para o efeito.

MÚSICA — Foram retomadas as lições de Educação Musical, em três grupos, na nossa Casa, aos sábados de manhã, com a professora Maria João, nos últimos anos. Têm corrido bem as aulas e tem sido um bom complemento na nossa formação. Nós gostamos de música e é preciso aprender desde cedo e aos poucos esta arte.

SAÚDE — Os Rapazes mais crescidos receberam a 1.ª dose da vacina covid-19 nas zonas onde estiveram (com familiares) e fizeram os testes, aconselhados. Finalmente e nesta localidade, ficou concluído o processo de vacinação de todos os Rapazes da nossa comunidade desde os 12 anos. Continuam, evidentemente, os cuidados recomendados ainda devido à pandemia — em nossa Casa, nas ruas e nas escolas. Nas entradas e saídas desta Casa todos os cidadãos são poucos. Foram retomadas as consultas de Medicina Dentária e Estomatologia, no Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra. O Divino, na Amadora e que deixou saudades, veio a uma consulta de Cardiologia no Hospital Pediátrico de Coimbra.

SENHORAS — Como é sabido, as senhoras são imprescindíveis na nossa vida familiar. Ao longo da história da nossa Obra, várias senhoras vieram para as diversas Casas da Obra da Rua, dedicando-se aos Rapazes e aos Doentes. Das senhoras desta Casa do Gaiato, lembram-se as senhoras D. Sara, D. Maria da Luz e D. Maria do Rosário — que foram partindo para a casa do Pai. Também esteve cá a D. Ana. Desde 2002, com as suas responsabilidades maternas, encontra-se entre nós a senhora D. Nazaré, sobrinha da senhora D. Isaura. Uma senhora do Furadouro veio cá uns dias.

CAMPANHA DE ASSINANTES D'O GAIATO — Não pode parar esta Campanha, também nesta Casa, pois é preciso levá-la aos mais novos. O nosso jornal é muito importante para dar a conhecer a vida de Pai Américo e de cada Casa, como elo de união da Obra da Rua e meio de partilha para as nossas necessidades. Da Reitoria de Coselhas, em Coimbra, vieram trazer-nos bens necessários, que agradecemos. Na sequência desta simpática campanha, inscreveram-se duas amigas como assinantes/leitoras: Alda Dinis e Leonor Lopes, de Coimbra. Bem-hajam!

Rapazes de Miranda

BEIRE — Flash's

A(s) 'Ferida(s)' do Chola...

1. Feridas a sangrar por dentro... Apresentei-vos o Chola. Por fora... Aí tudo é mais fácil de descrever. Disse-vos como, por ignorância, *cuidávamos dele*. Naquele *vai-te lucro que me dás perda!*... Daí a minha dor. Daí a busca da minha 'conversão pessoal'... Porque sei da dor de Jesus — ... "eles não sabem o que fazem" (Lc 23, 34). Sei. Mas sei também do meu dever de estar atento ao evoluir da *Revelação* de Deus *aos homens por Ele amados*. Porque, ela, afinal, não *acabou com o último Apóstolo*, como nos ensinavam *naquele tempo*... Ela continua. Sempre à espera de novos **PRO**+fetas que a façam avançar — hoje, em cada *aqui e agora*. Aliás, foi o próprio Jesus Quem nos alertou de que nos competia a nós *fazer ainda mais do que ele fez* — porque viemos depois d'Ele (Jo 14, 12). Falou-nos do *Pai que está nos Céu* (linguagem do Seu tempo) e do *Pai que está no íntimo do coração* de cada um — uma nova linguagem que Ele nos revelou... (Lc 17, 21) e, tantas vezes, teimamos em ignorar.

Bom. A ferida, que ditava todos aqueles *comportamentos desajustados* do Chola, ainda *sangra e dói*... Nós não sabíamos. Nem ver, nem ouvir, nem compreender. Ele precisa não é de *mão firme*, mas de *amor firme*. Porque *mão firme*, sem *amor firme*, pode ser mais prejudicial que um *amor debilitado*. Um amor de *coitadinho*, com *aquela história*... A ferida do Chola é *sem cura*. Precisa de quem, *atempadamente*¹, o ajude a aprender a **com**+viver com a sua história. Aquilo não é *pepino de torcer*. São as *Ciências Psiquiátricas* a dizê-lo...

Hoje, vindo de diferentes escolas de psicologia, sabemos que: Qualquer *chola* (e eles são tantos, **dentro e fora** de nós!...), se, atempadamente, for bem acompanhado, com *amor firme q.b.*, pode aprender a **com**+viver, pacificamente, com *aquilo que a história lhe deu / lhe impôs* — como 'cruz' a carregar... Reconhecendo-a, aceitando-a e acarinhando-a, qualquer *chola* pode **fazer com ela** a sua nova e própria

Continua na página 3

PÃO DE VIDA

Do Venerável Padre Américo

Última viagem

O Padre Augusto Nunes Pereira, condiscípulo do Padre Américo no Seminário de Coimbra e companheiro de ordenação presbiteral, escreveu um precioso testemunho, no jornal diocesano de Coimbra, que vale bem a pena transcrever na íntegra, como memória viva da sua vida cheia, de amor a Deus e ao próximo, traçando um perfil seguro, pela sua proximidade. Eis:

Morreu o Padre Américo, mas a sua obra é imortal.

A notícia do desastre que levou o P.e Américo à cama dum hospital, e dali para a eternidade, encheu de consternação Portugal inteiro. E é escusado dizer porquê. Todo o país o conhecia, toda a gente admirava as suas virtudes; os pobres tinham

nele um pai carinhoso, e os ricos um admirável despertador que lhes apontava a hora actual da caridade cristã.

Profundo e persistente doutrinador, e ao mesmo tempo dotado dum forte realismo prático e operoso, conseguiu galvanizar a sociedade portuguesa de tal forma que muitos dos seus empreendimentos se vão generalizando ao país inteiro.

É difícil, é mesmo impossível, traçar em duas linhas o perfil deste homem. Mais difícil ainda mencionar todo o bem que espalhou sobre a terra.

No dia 28 do corrente faz 27 anos que, na capela da Anunciação, do Seminário de Coimbra, ele recebia, juntamente com mais dois companheiros, a ordem do presbiterado. E esse facto recorda-me os tempos do Seminário, quando o Américo, ainda estudante, mas homem culto, viajado e experimentado, se fazia notar pela sua jovialidade, pelo zelo junto dos companheiros, pelo interesse que tomou junto dos superiores para que se introduzissem certas reformas urgentes, e pela sua piedade intensa. São desse tempo estas palavras: «Para mim, o dia em que eu não comungar, que os anjos do céu me levem para a comunhão eterna».

Alguns sacerdotes lhe ficaram devendo a perseverança da sua vocação, e todos nós que dele se abeirara receberam o influxo benfazejo da sua palavra quente e do seu exemplo vivo.

Escreveu no Seminário, para a revista «Lume Novo», que ajudou a fundar, alguns belos artigos, nos quais se revelou um admirável artista da pena. Um deles, por sinal um belo conto, ocorreu-me agora por causa da terminação «Accersitus ab Angelis» — chamado pelos Anjos.

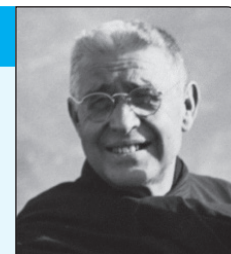
Mas já antes escrevia. Escrevia, nas suas viagens de férias, o diário de bordo, só com esta finalidade: para depois o ler a uma rapariguinha parálitica, que lá na terra dele jazia numa cama e se deliciava com esta leitura. Já era o carinho pelos doentes e infelizes. O jornal «O Gaiato» foi depois o seu diário de bordo, mais ampliado e aperfeiçoado, dos vinte e sete anos da sua viagem de padre da rua, em demanda do porto — o Céu.

Começou por visitar pobres; passou depois a organizar colónias de férias para os gaiatos da baixa de Coimbra; fundou as Casas do Gaiato; criou o «Património dos Pobres» e incendiou o país nas

Continua na página 4

DOUTRINA

Um desabafo



Era noiteinha. Tínhamos acabado a ceia e saíam agora os rapazes para suas casas, refeitório fora, em harmonioso desalinho. No átrio estava uma mulher nova com dois filhos ao colo, seguida de um terceiro — o Belmiro, como ao depois se soube. Não lhe quis falar. Era o segundo caso do dia.

De manhã, precisamente no mesmo sítio, outra mãe com três filhos tinha gemido seus males. Todas as razões que a gente lhes apresenta, são sem razão se não aceitamos os filhos. Nem nos escutam, tão pouco, ocupados em relatar: «Tome sequer um. Olhe, este».

Se me fosse permitido um desabafo, seria agora ocasião de o fazer, aqui, no jornal *O Gaiato*, rentinho ao coração de cada leitor onde sinto ter um amigo. É um desgaste que sofro no meu equilíbrio. Não é o caso do «cria fama e deita-te a dormir». É mas é um constante — «desperta porque tens fama!» E desta sorte, não há quem não perca a paciência. A noite ia caindo. Mãe e filhos estavam. Dois, dormiam no colo da mártir. «Sou de Cinfães.» E contou, contou, contou. Vergonha nossa. Desleixo nosso. Cristãos pintados! Alguns dos nossos que iam naquele momento p'ra suas casas, ficaram por curiosidade. Vi olhos entumecidos...! Desenganei a mulher: «Vá comer, mas os filhos não ficam.» Ela foi e eu também fui espreitar de longe por detrás dos vidros de uma janela, no escuro.

Vi dois dos da cozinha com tigelas de caldo na mão; e ainda um terceiro com fatias do nosso pão. Eles, que brincam tanto por tudo e por nada, guardavam silêncio, ali diante da majestade do quadro vivo e passavam em oração. Quem ama, reza!

Acabou o repasto. A mãe levanta-se e lá vai.

— Ó Veiga. Vai depressa! Diz àquela mulher que venha cá.

Estávamos agora mais tranquilos. Tirante meia dúzia, todos os nossos dormiam.

Aceitei o Belmiro. Seis anos de vida e de trabalhos. «Fique-me também com este de peito, que eu não tenho peitos!» Não fiquei. O Belmiro chora. Quer ir com a mãe. A beleza mai-la abundância da nossa Aldeia não valem o que vale a mãe! Esta abaixa-se com os dois ao colo: «Oh meu filho que aqui tens de comer!» Dá-lhe um beijo na face e desaparece na escuridão. Era noite fechada. O Veiga ao pé de mim, soluça!

— Que tens tu, meu filho?!

— A desgraça desta mulher!

Ele, que nasceu nas mesmas palhas, sente. Clama a desgraça do seu semelhante. É necessário vir à nossa Aldeia, abrigo do Rebotalho, para se conhecer quem são os verdadeiramente grandes!

Aqui fica relatado o caso. Se o leste com lágrimas nos olhos — és feliz! Já em si, a descrição é linda; porém, muito mais lindo é saber-se que naquela noite, depois de ter saído das da mãe, passou o Belmiro às mãos da menina Idalina que lhe deu um banho quente, uma tigela de leite e uma cama lavada.

Dias antes tinha estado um trabalhador de Tarouca, tisnado, e agora viúvo. Veio a pé, com um filho de seis anos. Não ficou. Amanhã é certo e sabido o que vem pelo correio, por mão própria e de companhia. Chego ao Lar do Porto, fujo para Miranda do Corvo, passo por Coimbra, regresso a Paço de Sousa — sempre o mesmo panorama. A nossa vergonha. A nossa culpa. A nossa incapacidade. E diz-se depois à boca cheia que se ama a Deus...! Mentira!

PAI AMÉRICO, *Notas da Quinzena*, pp 86-88

BEIRE — Flash's

Continuação da página 2

história... Pode pegar nessa sua — mesmo dolorosa — *bio+psico+logia* e, com ela, pode ir tecendo a sua nova *biografia*... Sei-o por experiências — que sinto e ouço. Foi assim o nascer desta minha paixão por esses *meus cholinhas queridos*... Eles me trouxeram aqui para o Calvário... Lembrado de como dói uma *ferida de não-existência*. Coisas do tipo *pobre não tem querer; quem nasce para cinco não chega a dez; quer voar, mas não tem asas*; e outras que tais...

Chega de *suspense*: O *Chola*, já moribundo, apenas com onze meses, foi encontrado agarradinho ao seio da mãe, já morta. O menino, esfomeado, já lhe tinha roído o mamilo...

Ponto final, porque já estou eu a sangrar também. O *Chola*, uma vez recolhido na Casa do Gaiato, nunca mais passou fome — *por fora*... Mas, morreu aos 18 anos — vítima daquela insaciável fome *por dentro*. Sucumbiu vítima de uma *congestão*...

2. Um Calvário para os 'feridos de morte'... Não sei o que isto vos diz. Sei que não consigo escrevê-lo sem que as lágrimas me corram pela cara abaixo. Porque sei que o cérebro daquele menino se viu *ameaçado de morte à fome*... Sei que apanhou um susto tal que, (...) agora, o fantasma da *morte à fome* não o larga. Daí a *ansiedade* do *Chola* — parece que só encontra paz em afastar a fome para longe... Não importa se a comida é boa ou má — importa que *lhe pareça comida*... Desenfreado, corre para agarrar seja o que for, se lhe parece que serve para matar aquele *fantasma*...

Há pouco, (n.º 2021 d'O Gaiato), falei-vos daquela doente que tão depressa parece uma *mãe enternecida* e se mostra uma *colaboradora exemplar*, como de repente... Ruminando essa e outras cenas, dela e outros doentes que também *são nossos*, associando um saber de experiências feito, dei comigo a intuir de onde lhes vem *isso*. Se *algo* lhes mexe na ferida... Antes que seja tarde, começam a disparar à toa, sem olhar ao que sai nem contra quem... *É sangue pisado*, que suja tudo e todos. Neles, logo lhes passa. Mas, nos que apanham com isso em cima, só o *amor firme* pode ajudar — ao doente e ao cuidador, se souber amá-lo assim. Ainda ouço a voz de Pai Américo — (...) *e os mais difíceis?! Amando-os mais*. Daí a minha insistência: URGE voluntários que gostem de sentir-se em *PRO*-cesso de aprender o *Amor Firme*...

A ferida do *Chola* era, em primeira mão, uma ferida de dimensões *biológicas*. Mas hoje sabemos que o homem é um todo. Nele, tudo é *interdependência*. Sabemos disso e dizemo-lo no consabido *todo o homem é um ser multidimensional*. Conheço muitos outros casos em que nunca houve feridas de natureza biológica, mas carregam com feridas bem pesadas. Provenientes de outras dimensões — ético-morais, religioso-espirituais, psico-sociais, psico afetivas, ..., que sei eu?! Neste Calvário — *palavra tirada do Evangelho* — aparece-nos de tudo. Mas sempre haverá que contar com aqueles que, na linguagem do SI 92, 6, por ignorância e insensatez, não podem *entender estas coisas*. Não podem entender nada d'este Calvário — uma *obra humana de sabor divino*.

1 — *Atempadamente!*... Porque, p.e., se uma criança, até aos 5 ou 6 anos, não tiver ninguém com tempo para estar / falar com ela, ficará surda-muda para o resto da vida... É a *ferida de não-existência* de uma *RES*+posta capaz...

Um admirador



SEDE DO EDITOR: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799

jornal.o.gaiato@obradarua.pt • geral@obradarua.pt

facebook.com/Casa.do.Gaiato

www.obradarua.pt https://www.obradarua.pt/estatuto-editorial/

NIB: 0045 1342 40035524303 98

IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Proprietário e Editor: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo

N.I.P.C. 500 788 898 • N.º de Registo 100398 • Tiragem: 13200

Director: Padre Júlio

Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes (C. P.: TE-555)

Impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

Redacção e Administração: Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

PATRIMÓNIO DOS POBRES

NESTE rolar das perspectivas mundanas em que a economia impera sobretudo contra a humanidade pobre eu não sei se alguma vez se pensou em ajudar não só os trabalhadores abrangidos pelo *Layoff* mas também aqueles que ainda não gozavam de uma situação definitiva, vinculada a qualquer empresa os quais, foram os primeiros, a serem despedidos por causa da pandemia.

Naturalmente que as preocupações governamentais se direccionam em primeiro lugar às empresas em dificuldades. Sou o primeiro a reconhecer que assegurar o financiamento às criadoras de trabalho para os portugueses é um dever, uma vez que a União Europeia veio ao encontro das necessidades surgidas àquelas empresas pela pandemia mas verifico também que os primeiros a precisarem de auxílio, são os trabalhadores não abrangidos por este sistema, os quais, na verdade, precisam mais que todos de ajuda.

Aqueles que ainda tinham família com capacidade para os socorrer ainda se foram aguentando mas e os mais pobres e mais desprotegidos amargaram fome, pesadelos e desesperos.

Seria bom que os respon-

sáveis por distribuir estes dinheiros tivessem em conta os caídos na pobreza oriunda das dificuldades que o Covid-19 provocou e não somente os grandes, como é costume.

A pobre mulher telefonou-me várias vezes insistindo na necessidade de falar comigo, se eu a recebia.

— *Mas que é que me quer?*

— Perguntava-lhe com insistência até que veio a resposta que eu já suspeitava:

— *Padre é que eu estou em risco de perder a minha casa e os meus bens.*

— *Então porquê?*

— *É o Banco.*

— *Mas, minha senhora o Património dos Pobres não resolve problemas bancários.*

Não satisfeita com a negativa implorou-me ao menos que a recebesse para lhe dar um conselho. Eu percebi. Um conselho era apenas para eu cair em recebê-la.

Era uma mulher ainda nova, mãe de família, já com um filho e em vésperas de outro. Fora despedida ao mesmo tempo com o marido da mesma empresa. Tinham comprado um carrito bom mas em segunda mão para irem ambos para o mesmo trabalho, através do *leasing* de um Banco. Há 5 meses sem ganhar e, agora



OS NOSSOS LIVROS

«*SOMOS A PORTA ABERTA*»... assim designava o Padre Américo a sua obra para rapazes... assim se designa este livro que pretende apresentar a sua pedagogia e ... dar a conhecer a capacidade de amor do Pai Américo pela criança da rua, capacidade de amor que inspirou todo o seu trabalho.

Na aparente desordem das Casas do Gaiato há uma profunda sabedoria, um pensamento educativo, um caminho deliberadamente escolhido para atingir um fim: **fazer de cada rapaz um homem**. E nessa medida pode afirmar-se que tinha um método educativo. Porém, o que fez do Padre Américo um grande pedagogo não foi o seu método, mas sim a forma como o viveu, a forma como o construiu e adaptou. Talvez, como poucos, ele compreendeu que **os métodos são apenas um meio de realização de alguma coisa que o próprio método não contém e que sempre o transcende pelos valores que representa**.

[...] A pedagogia para existir, para ser autêntica, supõe sempre uma **pujança de vida comunitária** feita de relações muito vivas, muito íntimas entre o educador e os educandos. É essa estreita comunicação que no seio de qualquer comunidade educativa gera **clima afectivo sem o qual não há educação**. — **Da Introdução de Maria Palmira Duarte.**

Podem pedi-lo pelo telefone 255 752 285, e-mail: geral@obradarua.pt ou directamente no site: www.obradarua.pt

a banca veio para cima deles; **ou pagam ou vamos pôr em penhora** exigindo já 1368 euros.

— *Olhe que eu não tenho possibilidades de lhe dar mais que 500 euros.*

O Património tem só o que vai caindo dia-a-dia dos corações generosos dos meus leitores e naquela hora um senhor engenheiro havia-me enviado um cheque de 2500 euros, mas os pobres de roda de mim são como um enxame de abelhas em volta do cortiço e eu tenho de governar o barco. A senhora chorava e chorava!... Os soluços faziam-lhe saltar o ventre e até temi algum problema com a gravidez.

— *Não tenho ninguém!... Não tenho nada, o meu marido*

também está sem trabalho. Faz umas coisitas na oficina de um amigo mas pouco recebe — e não estancava o choro.

— *Olhe minha senhora, dou-lhe metade. O resto vá pedi-lo a alguém amigo, à Segurança Social ou a alguma Igreja. Não lhe posso dar mais.* — Nem assim. As lágrimas continuaram a cair.

Bem desejava eu que esta chuva dos seus olhos caísse em cima dos que nos governam.

Passei-lhe um cheque com metade do seu débito. A pobreza é muita e como naquele tempo quanto mais eu recomendo que não falem disto a ninguém as notícias espalham-se pelas gentes desgraçadas. São muitos a pedir. Nem todos levam. Mas só naquele dia, aos 500

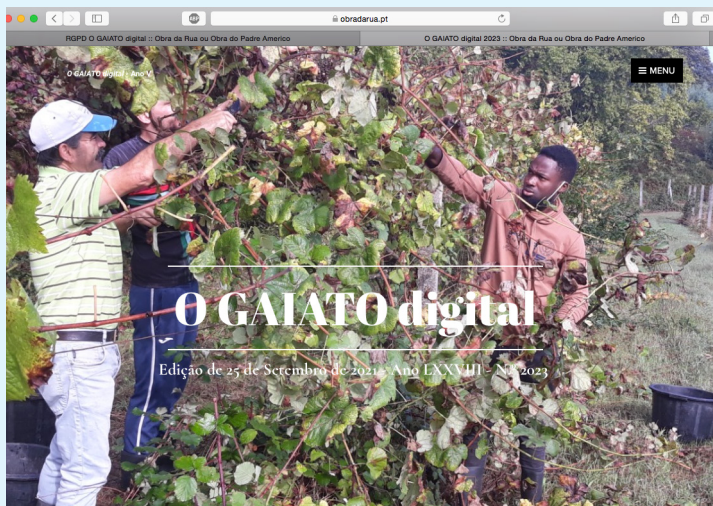
aos 600 aos 200 e aos 800 eu dei mais de 4000 euros. *E não sei!* Ai! de mim, se não fora a Providência Divina que age nos corações misericordiosos dos leitores do Gaiato e mais.

Que este grito chegue a quem é de direito!...

Os Pobres, os pequeninos são aqueles que nunca são ajudados, pois não têm, nem peso social, nem político. Que os auxílios da União Europeia cheguem também às periferias.

Padre Acílio

Página da OBRA DA RUA na internet



Visite o nosso site em www.obradarua.pt e encontrará diversa informação:

- Contactos
- Assinatura e leitura do Jornal O GAIATO e do Boletim AMA nos seus dois formatos:
 - Edição digital
 - Edição impressa, digitalizada em PDF
- Livros da nossa Editorial e outras
- Biografia de Padre Américo
- Pedagogia da Obra da Rua
- Padres da Rua
- Memorial / Museu Padre Américo
- Documentação diversa. ☐

PENSAMENTO

A ordem das obras de Misericórdia começa pelo dar de comer a quem tem fome; e, quando na hora derradeira, o Justo Juiz vier «em sua glória e majestade» dar a cada um aquilo que lhe pertence, nessa hora, digo, o castigo ou a recompensa há-de girar à volta do dar de comer.

PAI AMÉRICO, *Pão dos Pobres*, 1.º vol, 5.ª ed., p 334.

BENGUELA – VINDE VER!

Continuação da página 1

financeiros para as concretizar para a prestação de um melhorado serviço de apoio à educação dos rapazes. Está ainda em sonho a capela no centro da Aldeia. O terreno já está marcado. Será mesmo por detrás do cruzeiro, centro da vida de toda aldeia.

As obras em nossa Casa representam a ideia segundo a qual, as estruturas quanto mais arranjadas forem, melhor será para os seus habitantes. Tudo é bom, quando Deus é a fonte de toda a bondade! A construção da qual nos ocupamos é fundamentalmente aquela que mais trabalho exige e maior dedicação. É a construção do edifício humano que nos está reservado como missão principal. A educação integral é confiada aos responsáveis das nossas comunidades. Primeiro o padre — qual servo de Deus, todo ao serviço dos irmãos. Só pelo serviço é que lhe é atribuído o primeiro lugar como responsável da edificação do edifício humano. A seguir vêm os professores, os mestres nas oficinas, no campo agrícola, na pecuária, no desporto, na catequese e em outros tantos artífices que connosco no dia-a-dia colocam os alicerces para a fazer do rapaz um homem bem edificado com fundamentos firmes para enfrentar os desafios do futuro. A conclusão é de Pai Américo «O que então se passa na minha alma é coisa inenarrável. Entro a desfalecer. Quero fugir. Mas isto dura pouco tempo. Deus tira-me o tino e dá-me a Sua loucura. Já não vejo nada; já não sinto nada. Os problemas de todos, e o meu também, ficam num instante resolvidos. “Homem de pouca fé, porque duvidas?!” Senhor de Misericórdia, não retireis jamais da minha inteligência a loucura do Divino! Seria um rasgo de audácia, se não fora antes um simples acto de fé. Meti ombros à obra sem dinheiro, sem equipamento, sem opinião. — Quê? Garotos da rua no meio de quintas, eles, o pior do mundo?! O padre está varrido. Sim, ‘doido’. O Evangelho é loucura.»

Padre Quim

Padre Manuel Mendes

PÃO DE VIDA

Continuação da página 3

labaredas desta grande paixão: o amor pelos pobres e desgraçados.

O «*Correio de Coimbra*» não esquece a honra que lhe deu o Padre Américo de nas suas colunas publicar as suas impressões desses primeiros anos de apostolado, depois reunidos nos volumes «*Pão dos Pobres*».

Descalço, e vestido apenas de batina, conforme sua vontade, baixou à sepultura o Padre Américo. Mas não morreu com ele a sua obra. A sua obra é imortal. O que fez está feito para a eternidade. E os seus companheiros, os Padres da Rua, saberão continuar. E quantos amaram o Padre Américo em vida continuarão a amá-lo no seu exemplo e na sua obra.

Só quando não houver em Portugal uma família sem lar, um lar sem pão, ou pão sem alegria, só então, por desnecessária, deixaria de subsistir a obra do Padre Américo.

Que descanse em paz, e que lá no céu, onde piamente esperamos já se encontre, continue a ser para todos os gaiatos e para todos os pobres, o Pai Américo! N.P. [*Correio de Coimbra*, n. 1736, 26 Julho 1956, p.1-2].